

REFLEXOS DA PÓS-MODERNIDADE NA IGREJA

Cláudio Manoel de Carvalho Ferreira MARTINS*

RESUMO: O presente artigo apresenta uma reflexão sobre os impactos da pós-modernidade na igreja evangélica brasileira. Procura identificar alguns aspectos com base em quatro artigos da Revista Fides Reformata, de como este novo cenário social tem influenciado a teologia e o comportamento da igreja cristã na sua busca por comunicar o evangelho de Jesus. Diante de tantas transformações o desafio que se põe é a comunicação das verdades bíblicas consideradas pela maioria das correntes cristãs como eternas, em especial pelo segmento evangélico que tem como um de seus fundamentos desde a reforma protestante, o “sola scriptura”.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja emergente; teologia relacional; pós-modernidade, homossexualidade; fé reformada.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR; Presbítero da Igreja Presbiteriana (IPB); Email: claudiom.cwb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A expressão pós-modernidade surgiu na segunda metade do século XX e denota um período de mudanças sociológicas e de valores que caracterizam a transição do período conhecido como modernidade para um novo período histórico. O sociólogo Zygmunt Bauman, considerado um dos maiores pensadores acerca (acerca) deste tema, também utiliza a expressão modernidade líquida. As mudanças identificadas por Bauman provocaram alterações em conceitos e valores sociais de tal profundidade que afetaram diretamente a chamada célula *mater* da sociedade, a família. De fato, tais mudanças têm demonstrado potencial de desconstruir o conceito de família, até então vigente, substituindo-o por algo totalmente novo até o momento não definido. Alguns sociólogos e filósofos dizem que ainda está em construção. Tamanha profundidade de mudanças afetando valores tão arraigados, também geram reflexos na fé em suas manifestações e conseqüentemente nas igrejas.

O presente artigo procura identificar alguns aspectos, com base em quatro artigos da Revista Fides Reformata, de

como este novo cenário social tem influenciado a teologia e o comportamento da igreja cristã na sua busca por comunicar o evangelho de Jesus. Diante de tantas transformações o desafio que se põe é a comunicação das verdades bíblicas, consideradas pela maioria das correntes cristãs como eternas, em especial pelo segmento evangélico que tem como um de seus fundamentos, desde a reforma protestante o “sola Scriptura”.

As pesquisas para a produção deste artigo concentraram-se basicamente em quatro artigos, a saber: Igreja Emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória, de Mauro Fernando Meister; Quem é realmente reformado? Relembrando Conceitos básicos da fé reformadas, de Valdeci da Silva Santos; A Teologia Relacional: suas conexões como teísmo aberto e implicações para a igreja contemporânea, de Valdeci da Silva Santos e, Homossexualidade: da repressão à celebração, também de Valdeci da Silva Santos. Todos estes artigos publicados na revista teológica Fides Reformata do Instituto Presbiteriano Mackenzie. Grosso modo, os quatro artigos oferecem abordagens diferentes do mesmo tema, as relações da igreja

com os tempos atuais, sendo em determinado aspecto, complementares.

A pós-modernidade tem sido anunciada como um movimento que tem, até o momento, dentro de suas características a rejeição e a busca por desconstruir qualquer noção de verdade unitária, dominando o pluralismo relativista das ideias, negando a possibilidade de regras fixas e, ou verdades absolutas, predominando a vontade de liberdade absoluta do ser humano, que se mostra muitas vezes inconstante, principalmente influenciada pelas rápidas mudanças econômicas e tecnológicas da atualidade.

Neste contexto, Zygmunt Bauman em seu livro *O mal estar da pós-modernidade* (1998), dedica um capítulo para analisar a “religião pós-moderna” onde menciona que, na atualidade, poucas pessoas agem sob seus valores interiorizados, ou seja, com base nos valores herdados da família e, ou de sua comunidade de fé. O individualismo reinante tem conduzido as pessoas a tomarem decisões e fazerem escolhas rápidas, sem a devida avaliação e sem tempo para que os filtros dos valores interiorizados, pelos valores

herdados, entrem em ação, gerando crenças voláteis, mas que de certa forma gozam da confirmação externa, da sociedade que nos cerca.

Cada vez menos pessoas agem na base de orientação pessoal e de valores interiorizados [...] Mas por que há cada vez menos pessoas assim? Obviamente porque a atmosfera econômica, política e social se tornaram difíceis de entender intelectualmente, e de cumprir moralmente, e porque ela muda num passo acelerado [...] Num mundo em que tais coisas prosseguem, qualquer crença em princípio de orientação constantes corre o perigo de recusar esse mínimo de confirmação externa sem o qual ela não pode sobreviver. (BAUMAN, Apud Arnold Gehlen, pag. 220).

Tal comportamento, que acaba por deixar de lado os referenciais presentes nos “valores interiorizados”, que via de regra são herança de uma identidade cultural, familiar e, ou religiosa, são os sintomas do nascimento da identidade individual, cheia de incertezas e sempre em construção, de acordo com Bauman. A questão a ser observada, é que neste entendimento, a identidade individual nasce sem referencial internalizado, familiar, comunitário, religioso, tendo todo um

mundo de ofertas de produtos e serviços a serem experimentados e consumidos que vão de diferentes variedades de tipos de água (gasosas, minerais, vulcânicas e outras) à satisfação dos desejos mais secretos, libertinos e promíscuos. E isso tudo sem culpa ou questões de consciência. No entanto, tal indivíduo está sozinho, ele precisa decidir por si e para si, por este motivo está sempre em busca de “conselhos valiosos” para sua vida, o que faz deste indivíduo, um permanente “cliente em potencial” dos “gurus” da autoajuda e dos “profetas” da prosperidade.

O homem e a mulher da pós-modernidade realmente precisam do alquimista que possa, ou sustente que possa, transformar a incerteza de base em preciosa auto segurança (...) A pós-modernidade é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de “autoafirmação” (...) em torno de evitar um perigo: o de perder uma oportunidade. (BAUMAN, 1988, pag. 222)

De acordo com o relato de Bauman, o homem e a mulher da pós-modernidade, tendo desprezado os valores interiorizados, ou em outras palavras, os valores construídos ao

longo dos anos pelas famílias e pelas comunidades, acabou por ficar sem as referências que lhe dariam a identidade de um indivíduo pertencente a uma determinada comunidade, família, tradição, religião, igreja - grosso modo é uma criança grande, uma “tabula rasa” em um mundo cheio de oportunidades, perigos e prazeres.

Uma mente religiosa tenderia a pensar que uma vez que este indivíduo está tão perdido, nada mais natural do que buscar consolo e conforto em uma religião. A esta questão Bauman esclarece da seguinte forma:

A incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente de especialistas na identidade. Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação do que podem fazer – e de um resumo de como fazê-lo. (BAUMAN, 1998, pag. 222)

Deve-se ter em mente que este quadro geral apresentado por Bauman, diz respeito ao indivíduo pós-moderno europeu, região onde já a certo tempo, vários estudos demonstram

afastamento das igrejas cristãs. Em termos de Brasil, a questão religiosa deve adquirir diferente peso em tal avaliação, tendo em vista a força da tradição religiosa existente e as estatísticas de crescimento dos ramos caracterizados como evangélicos nos dados oficiais do IBGE. Logo, não seria incorreto pressupor que este indivíduo da pós-modernidade, tem de alguma forma, frequentado, ou buscado frequentar as igrejas cristãs, não sem todas as complexidades que carrega, o também gera desafios aos líderes religiosos.

Segundo Bauman, em *O Mal-estar da Pós-modernidade*; o espírito pós-moderno é inteiramente menos excitado do que seu adversário, o espírito moderno, pela perspectiva de cercar o mundo com uma grade de categorias puras e divisões bem delineadas. Desta forma, observamos que este indivíduo não teria a preocupação em distinguir, ou definir precisamente as questões doutrinárias de uma ou outra igreja, buscando aqui e ali o que lhe dá conforto, no momento que sente necessidade busca o “alquimista” para oferecer a receita para seus conflitos.

Decorrente destes novos comportamentos, que tem sido manifestado com muita intensidade, vários movimentos têm

surgido dentro da igreja cristã, procurando ser identificados como pós-modernos, ou que tenham as características que atendam as expectativas do ser humano pós-moderno. Neste breve artigo nos limitaremos a mencionar dois movimentos com origens norte americana, a Igreja Emergente e também o Open Theism, que no Brasil, originalmente recebeu o nome de Teologia Relacional.

1. IGREJA EMERGENTE

A expressão igreja emergente surgiu no início dos anos 1990 com Karen Ward da Igreja dos Apóstolos em Seattle (EUA) e posteriormente adotado por Brian McLaren, especialmente quando escreveu o livro *Uma Ortodoxia Generosa*.

Para McLaren era necessário que a igreja descobrisse e desenvolvesse uma ortodoxia diferente da ortodoxia praticada pela igreja evangélica durante o período do modernismo. Era necessário, segundo ele, desenvolver uma ortodoxia generosa em oposição à ortodoxia inflexível do período moderno. (MEISTER, 2006, pag. 98)

De acordo com Mauro Meister (2006) o que McLaren

propõe é uma nova cosmovisão, através de uma nova abordagem filosófica da vida como um todo, distinguindo-se do que ocorria até então, em que diferentes igrejas, mantendo o mesmo fundamento teológico básico, se distinguiam, basicamente, pela forma estética. A dificuldade surge quando a proposta avança e sugere a necessidade de o cristão adotar o “estilo” pós-moderno com todas as características de pensar deste novo tempo, negando inclusive a necessidade de uma declaração de fé e qualquer forma que sugira um dogma comum.

Meister (2006) aponta como sendo as principais características da igreja emergente, basicamente, a oposição à igreja tradicional, que estaria cativa dos conceitos absolutistas da era moderna, que admite, por exemplo, a ideia de verdade absoluta. Outra característica importante apontada por MEISTER na proposta de McLarem é o pluralismo, no sentido da aceitação ampla e irrestrita das diferenças nos valores e na forma de pensar e agir, baseada na não afirmação de absolutos.

A proposta emergente enfatiza os sentimentos e afeições sobre o pensamento linear e a racionalidade; a experiência em contraposição à

verdade; a inclusão ao invés da exclusão; a participação em contrapartida ao individualismo. Essas seriam as bases para afastar a crença cristã na verdade “absoluta” e levar à autenticidade, ao “novo tipo de cristão [...]” (MEISTER, 2006, pag. 104)

A linguagem, o culto e a pregação, ou seja, a comunicação da mensagem, para a mente pós-moderna não acontece de forma linear, precisa ser em forma de rede, como um site da internet. A proposta fundamental é um culto experimental e multissensorial, numa atmosfera trabalhada por luzes, velas, símbolos, mensagens multimídia, arte estática e em movimento. Tudo com o objetivo de atrair o jovem pós-moderno.

Para Dan Kimball (apud Meister), autor do livro *Emerging church* (2004):

O cristianismo do modernismo é fundamentado no monoteísmo racional e na religião proposicional, com uma sistemática local e uma verdade individualista. Já na era pós-moderna o cristianismo se fundamentará no pluralismo experimental, na narrativa mística, fluída, global, e na preferência comunal/tribal. (KIMBALL, apud Meister, 2006).

Hoje observa-se que muitas denominações têm assumido a posição de igreja emergente sem as características da igreja defendida por McLaren, essas denominações assumem o nome tão somente para designar comunidades que buscam fugir do padrão tradicional das igrejas históricas, procuram apresentar um culto mais participativo aos seus membros através de uma abordagem, comunicação, mais contextualizada com as características dos tempos atuais, sem, contudo, ocorrer perdas teológicas.

2. TEOLOGIA RELACIONAL

A teologia relacional, de forma sintética, pretende apresentar uma resposta para o sofrimento humano. De acordo com Santos (2007) a teologia relacional tem ligações com o movimento ocorrido nos Estados Unidos, conhecido como teísmo aberto. É apresentada por seus defensores como uma nova perspectiva hermenêutica sobre Deus, pragmática e bíblica, no sentido de solucionar os conflitos e contradições entre a crença em um Deus soberano e uma realidade marcada

pelo sofrimento.

O principal ponto a ser observado é que na teologia clássica o futuro já aconteceu, tanto pelos decretos quanto pela onisciência de Deus, que já sabe todas as coisas. Na teologia relacional o futuro inexistente e Deus nos chama para sermos parceiros de sua construção (GONDIN RODRIGUES, apud SANTOS, 2007, pág. 29).

Valdecir da Silva Santos (2007) apresenta o seguinte resumo do que é apresentado pela teologia relacional:

Resumindo, na perspectiva relacional o futuro está em aberto para ser construído, em conjunto, com Deus e pelo ser humano. Logo, ninguém, nem mesmo Deus, pode conhecer exhaustivamente o futuro, pois ele ainda não existe e, por amor às suas criaturas, o Altíssimo decidiu limitar-se quanto ao conhecimento a este respeito e sujeitar-se a riscos e surpresas advindas dessa construção em parceria com o ser humano livre. (SANTOS, 2007, pág. 29)

Ao propor uma reinterpretação teísta que limita a onisciência de Deus, tal proposta extrapola o entendimento de que poderia ser tão somente um desenvolvimento do Arminianismo, levando o livre-arbítrio humano às últimas

consequências, conforme expõe Santos.

De forma geral, a teologia relacional apresenta um Deus limitado pelo ser humano conforme o artigo Teodicéia de Ed René Kivitz, que afirma: “Na verdade, ‘Deus não tinha escolha’. Ao criar o ser humano à sua imagem e semelhança, deveria criá-lo livre.”

De acordo Santos (2007), “Os assuntos levantados por essa teologia contrariam não apenas os pontos fundamentais da fé reformada, mas algumas doutrinas essenciais defendidas por todos os ramos da igreja cristã.” Nicodemus Lopes (apud SANTOS), sintetiza a teologia relacional nos seguintes elementos: “(1) o atributo mais importante de Deus é o amor, (2) Deus não é soberano, (3) Deus ignora o futuro, pois ele vive no tempo e não fora dele, (4) Deus se arrisca, (5) Deus é vulnerável e (6) Deus muda.”

Observamos que a teologia relacional busca apresentar não uma resposta ao problema do sofrimento, mas sim uma justificativa e neste movimento faz um reducionismo de Deus, fazendo com que Ele se pareça mais com os deuses do panteão greco-romano, um deus pequeno, limitado, mas que ama a

todos e acata as inconstâncias dos seres humanos. Perfeito para esta realidade pós-moderna e antropocêntrica. Santos (2007) se posiciona contrário a este movimento.

Até aqui foram apresentados dois movimentos eclesiais de determinados “ramos” da igreja cristã. Eles apresentam características organizacionais, com linhas teológicas que tendem a “criar” ramificações cristãs. No entanto, a relação da igreja com a pós-modernidade não se resume aos movimentos apresentados, as mudanças sociais que vivemos têm trazido à luz situações existentes há muito tempo, mas que a igreja, ou não tratava por falta de conhecimento de como fazê-lo ou aplicava uma sentença única e radical. Talvez um dos reflexos mais visíveis do espírito pós-moderno seja a chamada “liberação sexual”, o que tem gerado escândalos e controvérsias nas igrejas.

Anthony Gyiddens (apud Bauman, 1998) cunha as expressões “sexualidade plástica”, “mero relacionamento” e “amor confluyente”, para descrever a desconfiguração do sexo dentro do conceito de direitos adquiridos e deveres assumidos em um relacionamento.

BAUMAN menciona duas revoluções sexuais, sendo que a primeira colocou o sexo como instrumento de construção social através do casamento e de toda sua estrutura para cumprir as regras de decência e moral, a segunda como instrumento de acúmulo de prazer e sensações.

Se, no curso da primeira revolução sexual, o sexo converteu-se num maior material de construção das estruturas sociais duráveis e das extensões capilares do sistema global de construção da ordem, hoje o sexo serve, antes e acima de tudo, ao processo de atomização em andamento; se a primeira revolução relacionava a sexualidade com a confissão e preservação das obrigações, a segunda transferiu-a para o reino da coleção de experiências; se a primeira revolução dispunha de atividade sexual como a medida de conformidade com as normas socialmente promovidas, a segunda redispunha como o critério de adequação individual e aptidão corporal – os dois maiores mecanismos de autocontrole na vida do acumulador e colecionador de sensações. (BAUMAN, 1998, pág. 183)

Atualmente vemos que a segunda revolução sexual, caracterizou-se pela libertação da atividade sexual das respectivas funções sociais, citadas por Bauman (1988), que

constrangiam o impulso libidinal. Nesta área se encontra a prática da homossexualidade, que tem sido expressa, de forma geral, como um caminho em busca da liberdade pela escolha de como, quando e por quem sentir-se atraído, ou amar. Portanto, uma expressão máxima da emancipação sexual.

Sobre este tema, Valdeci Santos, em seu artigo *Homossexualidade: da Repressão à Celebração* (Fides Reformata XX, nº 02, 2015) faz uma análise do movimento que trata da defesa da homossexualidade bem como das etapas e métodos aplicados nessa chamada emancipação ao final aponta ponderações que julga relevantes à prática cristã conservadora,

Santos (2015) inicia afirmando que, atualmente, todos, inclusive e especialmente igrejas, são julgadas por suas crenças sobre a homossexualidade. Que, a partir da década de 1960, estudos e movimentos em prol da liberação sexual fez com que nos anos finais do século XX e início do século XXI, a homossexualidade passasse de alvo de preconceitos a uma mera opção individual, com a ideia de ser uma expressão amorosa como tantas outras, própria e saudável entre duas pessoas. Considera como marco para tal fato os estudos de

Alfred C. Kinsey, que fez com que se perdessem os limites para a expressão sexual.

Há que admitir, porém, que o esforço do pesquisador americano contribuiu para a destruição do conceito de “sexo normal” na sociedade, pois “antes de Kinsey as pessoas chamavam amor sexual de “ato conjugal”. Depois de Kinsey, os limites para a expressão sexual foram perdidos. (...) “em anos recentes, a promoção da homossexualidade e da bissexualidade – que agora são protegidas e até mesmo promovidas pelo Estado – vêm destruindo a heterossexualidade normal”. (SANTOS, 2015, p. 64).

Na visão de Santos (2015), a mídia, em especial a televisiva, teve forte papel nesta transformação, relatando programas de telenovelas ao longo de pouco mais de 10 anos, com polêmicas sobre apresentar ou não um beijo entre homossexuais, até que finalmente em 2011 mostrou um beijo entre pessoas do mesmo sexo. Também ações de mídia, através de vários tipos diferentes de programas televisivos, têm ações de promoção do estilo de vida homossexual. No entanto, salienta que mesmo com a conquista de tanto espaço a militância ataca sistematicamente a igreja.

A homossexualidade ganhou status de estilo de vida, e este estilo tem se demonstrado muito lucrativo, principalmente considerando os eventos e programações direcionados a este público. No Brasil, o processo de normalização social utilizou-se inclusive dos caminhos da política partidária.

Aliás, Douglas Borges e Wilson H. Silva remontam a origem do movimento homossexual à atuação dos militantes políticos criadores da Faccão Homossexual da Convergência Socialista, que foi aliada ao Partido dos Trabalhadores (PT) e posteriormente ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). (SANTOS, 2015, p. 77)

Santos (2015) discorre sobre as confusões religiosas que têm ocorrido, pela dificuldade da Igreja em lidar com o assunto, afirmando que o “cenário religioso ocidental se encontra marcado por movimentos de acomodação das crenças e posicionamentos cristãos históricos”, tendo passado ao longo da história pela aversão, omissão e atualmente pela compaixão. Exemplo é a existência de instituições cristãs com trabalhos focados no tema como Exodus Brasil, Abraceh, MOESES e

Ministério Hesus. No entanto, também têm ocorrido movimentos no sentido de justificar ou demonstrar a necessidade de aceitação da homossexualidade na igreja cristã.

Sob a premissa de que se pode fazer uma síntese de homossexualismo e cristianismo, ativistas homossexuais e alguns religiosos se agruparam, para organizarem denominações e desenvolveram uma teologia: a “teologia gay”. Diante dos argumentos religiosos pró-homossexuais, alguns cristãos, em um esforço de se apresentarem compreensivos, tolerantes, amorosos e livres de preconceitos, passaram a reconhecer e até defender a homossexualidade como uma opção individual. (SANTOS, 2015, p. 83)

Nas ponderações à igreja cristã conservadora, Santos (2015) propõe que a tentativa de criar um cristianismo cultural, ou seja, de aculturar o evangelho sendo inclusivista é um grande erro, uma vez que o cristianismo no mundo é um milagre divino. Da mesma forma, condena as tentativas de imposição de padrões morais bíblicos às pessoas não convertidas, que não têm compromisso com a palavra de Deus. Finalmente, afirma que o descuido da igreja e dos crentes sobre a importância do casamento, que hoje nada mais é do que um

“acordo” entre duas partes, e de igual forma no descuido com o combate ao divórcio, contribuiu para a destruição da família.

3. FÉ REFORMADA

Diante dos desafios que a igreja tem enfrentado em suas relações com a pós-modernidade, Valdeci da Silva Santos, em seu artigo *Quem é Realmente Reformando? Relembrando Conceitos Básicos da Fé Reformada* (Fides Reformata XI, nº 02, 2006) se propõe a oferecer “uma visão panorâmica da fé reformada na busca de uma identificação mais precisa dessa tradição”. O autor utilizou informações acerca do crescente interesse de jovens pela teologia reformada nos Estados Unidos da América. Verificou que esse interesse é maior que o interesse pelo movimento da Igreja Emergente. O autor estabeleceu um mapa geral da história da igreja reformada com seus principais pontos doutrinários e uma perspectiva cultural baseada na teologia apresentada.

Sob o aspecto histórico, Santos (2006) argumenta que o teólogo reformado submete suas reflexões teológicas à autoridade das Escrituras, tendo esta como fonte última de sua

teologia. Discorre sobre a diferença entre a reforma produzida pelos luteranos e a igreja reformada, tendo seus maiores expoentes na Suíça, com Ecolampádio (Basileia), Zuínglio e Bulinger (Zurique), Bucer (Estrasburgo) e Calvino (Genebra). Estes reformadores ressaltavam a autoridade primária e insuperável da Palavra, sem desprezar as interpretações dos teólogos do passado, especialmente os pais da igreja.

Sobre as peculiaridades da expansão da fé reformada, Santos (2006) informa que houve embates e enfrentamentos ao longo dos anos, destacando o desafio apresentado pelo iluminismo que recebeu três respostas básicas da igreja cristã: 1º. O liberalismo teológico; 2º. O fundamentalismo conservador e 3º. Ênfase no evangelho social.

Sob determinados aspectos, a igreja em suas relações com a pós-modernidade vivencia o aprofundamento da primeira resposta, o liberalismo teológico, correndo o risco de vivenciar este liberalismo de forma extremada.

[...] o liberalismo teológico, que buscou contextualizar a mensagem cristã ao pensamento da época. O problema com essa abordagem foi que ela resultou mais em

acomodação do que em contextualização, o que resultou em um sincretismo que reduziu a fé cristã a algo que negava a própria essência do cristianismo. (SANTOS, 2006, p. 128).

Sob o aspecto dos princípios doutrinários Santos (2006) esclarece que a fé reformada é muito mais do que apenas a doutrina da predestinação ou do que os chamados cinco pontos do calvinismo (TULIP), resumindo as várias ênfases doutrinárias da teologia reformada em seis tópicos: 1) A majestade de Deus – afirmando que o princípio fundamental [do calvinismo] é a doutrina de Deus. 2) A autoridade das Escrituras – sendo esta o princípio formal, que possui a própria autoridade divina. 3) A condição espiritual do ser humano – totalmente depravado, pois é egoísta e não busca a Deus. 4) A suficiência da obra de Cristo – tendo exercido o ofício de profeta, sacerdote e rei, sendo tanto o sujeito como o objeto da profecia bíblica, executando sua obra com perfeição e dando certeza da salvação. 5) A soberania de Deus na salvação – sendo salvação um ato da soberana graça de Deus, ela é uma realidade segura nos céus. 6) A centralidade da pregação nas missões – é

o meio estabelecido por Deus para o desempenho da atividade missionária da igreja, a fé e a confissão necessárias para a salvação são resultados diretos da pregação daqueles que são enviados pela igreja.

Sob o aspecto da perspectiva cultural Santos (2006) procura diferenciar criação como aquilo que Deus fez e cultura como aquilo que ele ordenou que os seres humanos fizessem. Mesmo que a presença do pecado no mundo tenha dificultado o cumprimento da ordem de Deus, o mandato cultural não foi ab-rogado com a queda, tendo Deus reafirmado no tempo de Noé. O autor defende o conceito de graça comum, que vem sobre justos e injustos, e por último o conceito de vocação profissional que deve ser utilizado para a glória de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os desafios da pós-modernidade para a igreja são enormes e mesmo dentro das comunidades cristãs tem ocorrido confusão, ora tentando estabelecer uma “nova teologia”, ora não querendo entender que as mudanças sociais e sociológicas impõem reavaliações das realidades locais e

novas contextualizações para o anúncio efetivo do evangelho de Jesus Cristo. O que não isenta os servos do Senhor da responsabilidade de conhecer seus contextos e anunciar a palavra de forma efetiva.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MEISTER, Mauro. **Igreja Emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória**. Fides Reformata XI, nº 01, 2006, pág. 95-112. São Paul: Editora Mackenzie, 2006.

SANTOS, Valdeci da Silva. **A Teologia Relacional: suas conexões como teísmo aberto e implicações para a igreja contemporânea**. Fides Reformata XII, nº 01, 2007, pág. 27-55. São Paulo: Editora Mackenzie, 2007.

SANTOS, Valdeci da Silva. **Quem é Realmente Reformado? Lembrando Conceitos Básicos da Fé Reformada**. Fides Reformata XI, nº 02, 2006, pág. 121-148. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

SANTOS, Valdeci. **Homossexualidade: da repressão à celebração.** Fides Reformata XX, nº 02, 2015, pág. 71-91. São Paulo: Editora Macke